

Os arquivos da criação modernista no Nordeste: redes de sociabilidade intelectual na epistolografia de Joaquim Inojosa, Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade (1924-1928)

Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira*
Marinalva Vilar de Lima**

Resumo: Neste artigo propomos uma leitura em contraponto às séries epistolográficas de Luís da Câmara Cascudo com Joaquim Inojosa (1924-1926) e Mário de Andrade e Joaquim Inojosa (1924-1928). Temos como objetivo acompanhar o processo de recepção e elaboração conjunta dos ideais modernistas no Nordeste. Cremos que a troca de correspondências dos referidos intelectuais são peças fundamentais da engrenagem dessa rede de sociabilidade modernista na região e que, por intermédio delas, é possível dar visibilidade a outros aspectos da biografia intelectual dos escritores envolvidos.

Palavras-Chaves: Arquivos da Criação, Redes de sociabilidade Intelectual, Correspondência.

The archives of modernist creation in the Northeast: Networks of intellectual sociability in the epistolography of Joaquim Inojosa, Luis da Câmara Cascudo and Mário de Andrade (1924-1928)

Abstract: In this paper, we propose a parallel analysis of the epistolography series of Luís da Câmara Cascudo with Joaquim Inojosa (1924-1926) and Mário de Andrade with Joaquim Inojosa (1924-1928). Our main objective is to understand and follow the process of reception and collaborative elaboration of the modernist ideals in the Northeast. We believe that the exchange of correspondences of such intellectuals are fundamental pieces for the network of modernist sociability in the region. Furthermore, through these letters, it is possible to trace and give visibility to other aspects of the intellectual biography of the writers involved.

Keywords: Archives of Creation, Networks of Intellectual Sociability, Correspondence.

* Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorando da Universidade Federal de Campina Grande. Contato: giuseppedeoliveira9@gmail.com.

** Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Associado III da Universidade Federal de Campina Grande. Contato: iram.lima.1967@gmail.com.

Introdução

Neste artigo, analisaremos a correspondência de Joaquim Inojosa, Luís da Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Aqui, não abordaremos todo o corpo da correspondência, mas apenas aquelas cartas que foram escritas durante a década de vinte (1924-1928). Faremos a leitura dessa correspondência em contraponto às séries epistolográficas de Câmara Cascudo com Joaquim Inojosa (1924-1926) e entre Mário de Andrade e Joaquim Inojosa (1924-1928). Temos como objetivo acompanhar o processo de criação das obras dos respectivos autores à época, bem como o processo de recepção dos ideais modernistas no Nordeste.

Estas outras séries serão agenciadas por intermédio do Relatório de pós-doutoramento de Humberto Hermenegildo de Araújo, *Consciência moderna e movimentos: o Modernismo nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa* (2012); das cartas de Inojosa enviadas a Mário, que foram catalogadas no IEB/USP, e dos registros presentes na obra *O Movimento Modernista em Pernambuco* de Joaquim Inojosa (1968-1969), que dispõe toda a trajetória da atuação intelectual ligada ao campo do Modernismo, contando com uma documentação exaustiva; conservada e trazida à tona pelo próprio autor. cremos que a troca de correspondências dos respectivos intelectuais é peça fundamental da engrenagem dessa rede de sociabilidade modernista no Nordeste.

Correspondência de Luís da Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa (1924-1926)

Ao se falar da efervescência cultural ocorrida em Recife em meados da década de 1920, não podemos esquecer-nos de Joaquim Inojosa, jornalista e também estudante de Direito na Faculdade do Recife à época de Cascudo, que em Pernambuco, em 1924, escreveu a plaquete *A Arte Moderna*, carta /panfleto que repercutiu em todo o Nordeste. A carta dava um destaque especial a Graça Aranha (em virtude do discurso de rompimento deste, com a Academia Brasileira de Letras); historiava a semana de 1922, informava sobre o movimento em Pernambuco, falava de suas primeiras repercussões

no Pará e no Rio Grande do Norte e apelava para que a Paraíba (especialmente o grupo da revista *Era Nova*, a quem a carta era dirigida) aderisse ao Modernismo. A importância da carta reside no fato de ter divulgado o Modernismo no Nordeste e também ter divulgado o que se passava no Nordeste/Norte do Brasil (Araújo, 1995: 13; Azevedo, 1996: 61-62).

Durante o ano de 1922, a par de uma grande agitação política que abalava o país, desenvolvia-se, sobretudo nos setores oficiais um largo movimento de propaganda em torno das comemorações do centenário da independência do Brasil. Tais fatos, somados à dificuldade de comunicação entre os diversos Estados, retardaram a divulgação do Modernismo no país. Ademais, como as ligações das províncias se davam mais diretamente com o Rio de Janeiro, então capital da República, a circunstância de a Semana de Arte Moderna ter sido realizada em São Paulo em nada ajudou a sua divulgação.

Em 1923, refletiria Joaquim Inojosa em uma de suas crônicas: “Viajar ao Sul e não visitar São Paulo é cometer um erro; maior erro ainda, visitando São Paulo, não estudar a sua intelectualidade, especialmente seus novos” (Inojosa, 1968a, v.2: 47). Assim é que do Rio ele vai a São Paulo, debaixo de certa apreensão que logo será desfeita. Procurando conhecer colegas de profissão, vai à redação do *Correio Paulistano*, onde o recebeu Menotti del Picchia: “Franco olhar de alegria”, recordará Inojosa, “recebeu-me como se conhecidos fôramos”. Menotti falara-lhe de São Paulo e falou de literatura: “Em sessenta rápidos minutos havia destruído uma literatura e erguido sobre as cinzas dos livros empoeirados um templo moderno, onde ajoelhou e rezou fervorosamente o Evangelho Novo, o Credo de hoje”. Seria o ponto de partida para o contato com os modernistas. De fato, ainda na redação do *Correio Paulistano* é apresentado, por Menotti, a Oswald de Andrade, que se encarrega de catequizar o neófito sobre o “novo Evangelho de Arte”. Discutem sobre o momento literário de Pernambuco, confessando o crítico literário pernambucano que em Recife eram todos... passadistas” (Azevedo, 1996: 41-42; Inojosa, 1968a, v. 2: 20).

O registro histórico da correspondência entre Luís da Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa, aparece pela primeira vez em *O Movimento Modernista em Pernambuco (1968-1969)*, livro organizado pelo próprio Inojosa com o objetivo de documentar a história do Modernismo na região Nordeste do Brasil. Às treze cartas enviadas a Inojosa por Cascudo, durante os anos de 1920, juntam-se outros documentos autografados por diversos intelectuais, todos apresentados como testemunhas da história daquele movimento. Além das documentações presentes na respectiva obra, Araújo (2012), encontrou no *Ludovicus – Instituto Câmara Cascudo*, em sua pesquisa de pós-doutoramento, três cartas de Inojosa enviadas a Cascudo durante a década de 1920. (Araújo, 2012, p. 37; Inojosa, 1968a, v.2: 377-388).

Uma justificativa para esta diminuta correspondência seria a grande proximidade existente entre os correspondentes entre 1924 e 1928, Cascudo estará entre suas “idas e vindas” de Natal a Recife para concluir seu bacharelado na Faculdade de Direito no Recife. Lá, Inojosa também estará realizando o respectivo curso e assim sendo, a função das missivas era bastante prática, importando mais para Cascudo, a agilidade da informação do que propriamente o cultivo da amizade existente. A possibilidade de real convivência subtrairia à carta determinados assuntos que certamente eram tratados pessoalmente, por isso ocorre uma menor quantidade de cartas nesse período que aqui analisamos (Araújo, 2012: 48-49). O que ocorrerá de forma muito diferente, quando os dois amigos, distanciados pelo tempo e espaço, manterão um diálogo mais intenso, como veremos no capítulo posterior.

Na primeira das cartas que Cascudo envia a Inojosa, temos por seu intermédio as congratulações ao amigo pela publicação de *A Arte Moderna*:

Ahi vai o registo de tua 'Arte Moderna'. Ainda estou em tempo de felicitar-te pelo escândalo.
Resta explicar aos poetas de Recife o que vem ser arte moderna.
Para isto tens cultura, elegância estylistica e coragem (CC, 22-VIII-1924, apud, Araújo, 2012:87)¹.

¹ Registramos neste ponto do texto que todas as referências feitas em torno da correspondência de Cascudo e Inojosa neste estudo, terão por base as transcrições compiladas por Araújo (2012).

A carta faz referência à resenha escrita por Cascudo sobre a respectiva obra e publicada no jornal natalense *A Imprensa*. No livro manifesto de Inojosa, Câmara Cascudo é conclamado como o divulgador dos ideais da *Arte moderna* no Rio Grande do Norte:

No Rio Grande do Norte o jornalista Luís da Camara Cascudo, espírito estudioso e de largos conhecimentos literários, abraçou as idéas da *Arte Moderna*, e o fez com convicção própria das intelligencias moças e fortes (Inojosa, 1984: 29).

Na resenha, que foi escrita e publicada ao mesmo dia que a carta supracitada (vinte e dois de agosto de 1924), vemos Cascudo argumentar que não sendo a *Arte Moderna* um manifesto, teria Joaquim Inojosa se limitado a historiar a “semana” “doida” no teatro Municipal de São Paulo e “suas brilhantes consequências”, que a carta fazia uma visita rápida “pelos mais representativos adeptos nos Estados”, pedindo ao editorial da revista *Era Nova* a adesão do movimento. Em sua concepção a escrita elegante da carta de Inojosa, pelo seu teor combativo teria feito “mais barulho que a confederação do Equador”. Finaliza o texto em tom de agradecimento pelo reconhecimento e menção de seu nome pelos “galões do generalato” da *Arte Moderna* no Rio Grande do Norte, mesmo não sabendo qual bandeira lhe batia ou agia. Argumenta por fim que a única teoria literária que lhe seduzia, era a sua própria:

Não sendo um manifesto o sr. Joaquim Inojosa limitou-se a historiar a ‘semana’ doida no teatro Municipal de S. Paulo e suas brilhantes consequências. Faz uma visita rápida pelos mais representativos adeptos nos estados e pede (como se isto se pedisse) a adesão da ‘Era Nova’ ao movimento. Como está escrita elegantemente, salpicada de citações e alguns alfinetes, a ‘carta’ fez mais barulho que a confederação do Equador. Isto lisongeia. Palavra de honra.

(...)

No Rio Grande do Norte coube-me os galões do generalato. Vindo de tais mãos dadivosas não recuso. Mas, ponho restrições. Não sei sob qual bandeira me bato ou ajo.

Até aqui a única teoria literária que me seduz é a minha. Há a compensação de ser eu só. E já é muito² (Casculo, 1924, apud, Araújo, 1995, p. 108-105).

Chamamos atenção para dois argumentos mencionados pelo escritor potiguar na citação acima apresentada: “Não sei sob qual bandeira me bato ou ajo” e “Até aqui a única teoria literária que me seduz é a minha”. Estes aspectos são muito relevantes no que compete ao maior esclarecimento aos estudiosos que se apressam em atrelar Cascudo em alguma corrente ideológica definitiva, passadista ou futurista, regionalista ou modernista. Embora aqui neste capítulo estejamos a contemplar o entusiasmo de Câmara Cascudo com a campanha modernista, podemos ver no capítulo anterior e aqui mesmo que o escritor não deixa de se abrir para outras tendências “passadistas”, como confessou ao amigo Inojosa no *post scriptum* da carta de doze de janeiro de 1925:

P.S.
meu irmão:
o destino é soberano. Nasci para ser passadista. O Barão de Stuart propôs-me e eu estou feito sócio do Instituto do Ceará (CC, 12-I-1925, apud, Araújo, 2012: 93-94).

Sobre este aspecto, Araújo (2012), mostra alguns elementos que reforçam a nossa linha de raciocínio. Para o autor, Câmara Cascudo se reconhecia “passadista” e aceitava a filiação a instituições conservadoras. Nesse mesmo espírito de reverência, apela ao amigo em carta de quatorze de março de 1925: “Não ironize o Archeológico. Fui eleito sócio correspondente” (CC, 14-III-1925, Araújo, 2012: 101).

Este aspecto demonstra o cruzamento de dados e informações nas duas séries de correspondências. Cascudo informa a Mário em carta de nove de dezembro de 1925, por exemplo, que foi “orador oficial” do Instituto Arqueológico nas festas do centenário de D. Pedro II:

Fui ‘orador oficial’ do Instituto Arqueológico nas festas do Centenário de D. Pedro II. Fugi 24 horas antes de uma festa

² Em uma última alusão a *A Arte Moderna* no corpo da correspondência de Cascudo e Inojosa, temos algo que contradiz essa passagem; em missiva do dia nove de setembro de 1925, Cascudo fala do chamamento feito a alguns dos poetas norte-rio-grandenses de sua época: (...) “E a ‘Arte Moderna’? Aqui tenho feito maravilhas. Arrebanhei Othoniel Menezes, Jorge Fernandes, Luís Torres, Pedro Lopes Júnior (...) grandes nomes das catorze patas do soneto”. (...) (CC, 9-IX-1925, apud, Araújo, 2012: 106).

oferecida ao meu 'maravilhoso espírito sedutor' (CC, 9-XII-1925, apud, Cascudo, 2010: 80).

No que concerne à partilha de manuscritos e pedido de publicação, podemos dizer que tal aspecto também ocorre no corpo da correspondência de Cascudo e Inojosa e mais uma vez Mário é o mote para da discussão:

Remetto duas poesias minhas³. Não abra a bocca... Minhas sim senhor! Uma para o meu (e de V.) Mário e outra inteiramente sua. Sacuda-as na pagina litteraria dos domingos em bom lugar. E, se a tanto me ajudar o engenho, olhe carinhosamente a revisão. E mande uns dois números. Espace os versos. Um em cada domingo. Nos dois teremos tudo feito. (...) (CC, 13-VIII-1925, apud, Araújo, 2012: 103).

Neste sentido, concordamos com Araújo (2012), quando demonstra em seu relatório que o corpo dessa correspondência está escalonado em dois blocos. Após a leitura do primeiro bloco de cartas (três de Câmara Cascudo, enviadas em 1924; uma de Joaquim Inojosa, enviada no início de 1925), faz-se necessário acrescentar que o segundo conjunto, composto de doze documentos (dez cartas de Câmara Cascudo, nove delas enviadas em 1925 e uma em 1926; duas de Joaquim Inojosa, uma enviada em 1925 e outra em 1926), não acrescenta novidades em relação ao primeiro, embora se perceba já o incremento no segundo bloco, de alguns elementos avaliativos da campanha modernista. Mantêm-se os assuntos e as atitudes dos missivistas em relação ao movimento literário e cultural da época, assim como a proximidade de ambos com Mário de Andrade. (Araújo, 2012:56)⁴.

Correspondência de Joaquim Inojosa e Mário de Andrade (1924-1928)

Na primeira carta enviada por Mário para Joaquim Inojosa, em vinte e oito de novembro de 1924, vemos o escritor paulista parabenizar o jovem pernambucano pelo seu opúsculo *A Arte Moderna*, do belo trabalho que estava fazendo em divulgar os ideais modernistas em Pernambuco e no

³ Trata-se de "*Kakemono*" (Cf. Inojosa, 1968a, v.1:105) e "*Shimmy*" (Cf. Cascudo, 2010a: 45-46).

⁴ É preciso que se leve em consideração que aqui não abordamos todos os temas apresentados no corpo da respectiva correspondência. Voltamos nossa atenção aos aspectos que atendem aos objetivos propostos para análise desenvolvida ao longo deste capítulo. Para um maior aprofundamento dos temas: Cf. Araújo (2012).

Nordeste; do impacto que vinha causando à mocidade nortista que tanto desejava conhecer; lastimava que ainda fosse muito difícil seu deslocamento, sendo quase um romance de Júlio Verne, e que infelizmente não teria folga necessária par “viver esse romance”; de toda essa juventude vanguardista, Mário informava que só teria entrado em relações com o Luís da Câmara Cascudo, figura de “rico espírito, rapidíssimo”:

Joaquim Inojosa, eu já lera o seu opúsculo ‘*A Arte Moderna*’ quando me veio às mãos o exemplar que você me mandou pelo Rubens. Reli-o com prazer. O que você está fazendo aí no norte é realmente um trabalho muito bonito e de grande valor. E benéfico, verá. Aliás pelas próprias citações que você faz de versos daí do norte bem se percebe que esta ânsia de renovação acentuada depois da guerra e alastrada por todo o mundo considerado como civilizado inquieta também essa mocidade nortista que eu tanto desejaria conhecer. Mas como ainda é difícil o Brasil santo Deus! Daqui pra aí é ainda um romance de Júlio Verne e eu não tenho folgas necessárias para viver êsse romance. Só entrei em relações com o Luís da Câmara Cascudo, rico espírito rapidíssimo. Dos outros não sei nada senão o que você conta. E de alguns tive vontade de saber mais alguma coisa. Agradeço-lhe de coração o exemplar de ‘*Arte Moderna*’ e breve lhe corresponderei a lembrança com a minha ‘*Escrava que não é Isaura*’⁵, já em impressão (...). (MA, 28-XI-1924, apud, Inojosa, 1968a, v.2:339).

Nesta carta, o autor de *A Escrava que não é Isaura* ainda teve o objetivo de esclarecer sobre os ideais modernistas, estabelecendo uma diferença entre “espírito modernista” e “processos modernistas”, talvez considerando conceitos equivocados e confusões relativas aos atores do movimento modernista (Graça Aranha, por exemplo) presentes em *A Arte Moderna* de Joaquim Inojosa. Preocupava-o, sobretudo, a diferença entre uma poética modernista “universal” e a sua aplicação à “realidade contemporânea” do Brasil à época. Neste sentido, refere-se à necessidade de criar uma arte brasileira e, conseqüentemente, ao “abrasileiramento do brasileiro” (Araújo, 2012: 65):

Veja bem: abrasileiramento do brasileiro não quer dizer regionalismo nem mesmo nacionalismo = o Brasil pros brasileiros. Não é isso. Significa só que o Brasil pra ser civilizado artisticamente, entrar no concerto das nações que

⁵ Em carta de nove de março de 1925, Inojosa acusa o recebimento da respectiva obra a Câmara Cascudo: (...) “O Mário de Andrade enviou-me ‘*A Escrava que não é Isaura*’ – esplendido livro; livro de um estudioso impenitente”. (JI, 9-III-1925, apud, Araújo, 2012: 95).

hoje em dia dirigem a Civilização da Terra, tem de concorrer pra esse concerto com a sua parte pessoal, como que o singulariza e individualiza, parte essa única que poderá enriquecer e alargar a Civilização. Da mesma forma que do lado prático. Se nós quiséssemos concorrer pra organização econômica da Terra, com o trigo próprio da Rússia, ou o vinho próprio da França ou da Itália, a nossa colaboração seria inferior, secundária, subversiva e inútil (...). Mas com a borracha, o açúcar e o café e a carne nós podemos alargar, engrandecer a economia humana. Da mesma forma nós só teremos nosso lugar na civilização artística humana no dia em que concorreremos com o contingente brasileiro, derivado das nossas necessidades, da nossa formação por meio da nossa mistura racial transformada e recriada pela terra e clima, pro concerto dos homens terrestres. Não acha que eu tenho razão? Mas que trabalho pesado tem de ser o nosso nesse país de expressão tão vaga, em formação ainda como alagadiços páramos dessa Amazônia que me chama diariamente. Cansa, só de pensar. Mas seria ignóbil não pensar e seria infame e desumano não trabalhar nisso. Vamos trabalhar. Quer vir conosco? (MA, 28-XI-1924, apud, Inojosa, 1968, v. 2:340-341).

Vemos por intermédio desta passagem que ao empregar expressões tão dúbias, Mário procurava ter o desvelo em destringer lhes o significado, de forma didática, facilitando estrategicamente o aprendizado. Abrasileirar o brasileiro “não quer dizer regionalismos nem mesmo nacionalismo = o Brasil para os brasileiros”. Significava, na realidade, que o Brasil deveria encontrar meios culturais que o distinguissem de outros países: “nós só teremos nosso lugar na civilização artística humana no dia em que concorreremos com o contingente brasileiro, derivado das nossas necessidades, da nossa formação por meio da nossa mistura racial transformada e recriada pela terra e clima, pro concerto dos homens terrestres”. A dúvida que ainda restasse no interlocutor seria dirimida pelo estratagema da comparação com a economia mundial se produzisse vinho ou trigo, já manufaturados por França, Itália e Rússia. Os brasileiros deveriam preferir a borracha, o açúcar, o café, a carne, que, sendo só produtos nossos, poderiam ajudar a suprir as necessidades dos povos. Com a argumentação tão circunstanciada, escorando-se em exemplo concreto, Mário desejava a conivência do destinatário: “Não acha que eu tenho razão?” E, dando um passo a mais, quer atribuir a Inojosa uma incumbência: “Mas que trabalho pesado tem de ser o nosso nesse país de expressão tão vaga, em formação ainda (...). Cansa, só de pensar. Mas seria

ignóbil não pensar e seria infame e desumano não trabalhar nisso. Vamos trabalhar. Quer vir conosco?" (Moraes, 2007: 136-137).

A carta que Mário enviou em novembro de 1924 muito entusiasmou o jovem Inojosa, ainda em vinte e oito de dezembro do mesmo ano, ele a publicará no *Jornal do Commercio* em Recife. Como não tinha tido mais contato com Cascudo até meados de seis de janeiro de 1925, questiona se o amigo teria lido a carta de Mário que foi publicada:

Leu a carta do Mário que publiquei no '*Jornal do Commercio*'? (JI, 6-I-1925, apud, Araújo, 2012:92).

Ao que parece, Cascudo não tinha mais se inteirado do que acontecia na capital pernambucana naquele ano, possivelmente devido ao acidente de trem que sofrera em vinte e quatro de dezembro no interior do Rio Grande do Norte⁶. Cascudo afirmou não ter conhecimento e pediu ao amigo que lhe mandasse, pois muito lhe interessaria lê-la:

Não li a carta do Mario. E muito me interessaria fazê-lo. Olhe! Mande-m'a (CC, 12-I-1925, apud, Araújo, 2012: 93).

Consultando a documentação, percebemos que embora Joaquim Inojosa tenha estado com Mário⁷ e outros modernistas em 1922, foi Cascudo quem primeiro se correspondeu com Mário. As evidências se colocam por intermédio da cronologia das cartas. Na última carta escrita por Mário para Cascudo no ano de 1924, ele solicitará ao amigo potiguar o envio de

⁶ Cf. "Agora uma notícia. Sabe que no dia 24 [de dezembro] ia dar-lhe um assumpto esplendido? Ia morrendo banalmente. Estupidamente. Nem sequer tinha lido os artigos do sr. Kalogeras no *Jornal*. Fui a Lajes de auto. Quebrou. Trem especial. Virou a locomotiva, espatifou-se o tender. Moralidade: machuquei um braço e fiz um discurso em Lajes onde citei Ruy, Hermes (o Fonseca), Nilo, Seabra, Artur Bernardes e outros gigantes" (CC, 5-I-1925, apud, Araújo, 2012:90-91).

⁷ Na primeira carta que Inojosa enviou a Mário em fevereiro de 1925, ele finaliza pedindo "um retrato seu para a galeria dos novos do meu gabinete. Com urgência, porque o aproveitarei para um clichê na revista em que vou escrever sobre o seu livro [A escrava que não era Isaura]". Em carta breve, de quatro de março de 1925, Mário responderá ao amigo: "Aí vai o meu retrato. Vai dado com tódo o coração além da admiração intelectual que eu tenho pelo batalhador que você é. Se fôr mesmo necessário, publique-o, como diz na sua última carta. Por mim, tenho pouca estima por êsse gênero de reclamos, confesso. Prefiro passear o meu caixadocismo pelo seu quarto de trabalho amigamente entre imagens amigas. Principalmente a sua de carne e osso, de que nunca me esqueci" (MA, 4-III-1925, apud, Inojosa, 1968a, v.2: 343). Na última linha desta carta-bilhete vemos a confirmação do conhecimento prévio entre os respectivos interlocutores, iniciado no ano de 1922.

fotografias, de “pedaços corriqueiros do Brasil”, pois tinha fome pelo Norte e como desejava saciá-la:

E agora um pedido. Tenho uma fome pelo Norte, não imagina. Mande-me umas fotografias de sua terra. Há aí obras de arte coloniais? Imagens de madeira, igrejas interessantes? Conhecem-se os seus autores? Há fotografias? Acredite: tudo isso me interessa mais que a vida. Não tenha medo de mandar um retrato de tapera que seja. Ou de rio, ou de árvores comuns. São as delícias de minha vida essas fotografias de pedaços mesmos de coqueiros do Brasil. Não por sentimentalismo. Mas sei surpreender o segredo das coisas mezinhas da minha terra. E minha terra é ainda o Brasil. Não sou bairrista. Aqui vai o meu sincero desejo de o conhecer pessoalmente (MA, 26-IX-1924, apud, Cascudo, 2010: 39).

Ao tomar conhecimento da maneira como Mário tinha se referido a ele na carta enviada a Inojosa, e por ter tido do amigo paulista a confissão do desejo de lhe conhecer pessoalmente, Câmara Cascudo faz o respectivo convite ao quase *Macunaíma*:

Por que não se resolve a ver o Brasil que o Catete esqueceu? Inojosa em Recife e eu em Natal seríamos os hospedeiros. Venha ver estas coisas. Casas, vaqueiros, lobisomens, matutos, anedoteiros, governadores, capitães-mores, jornais – dente-de-cação, autos Fordes... venha! E as igrejas da Bahia e Recife e Olinda... tanta coisa. E teria raiva dos frades estrangeiros que estão vendendo mosaicos, obras de talha, velhos anjinhos bochechudos, cadeiras de mogno, jacarandás para a Europa (...) (CC, 19-V-1925, apud, Cascudo, 2010: 40-41)⁸.

Sobre estes últimos aspectos, percebemos que em virtude da precariedade de espaços institucionalizados, as relações entre os intelectuais no Brasil mostravam-se especialmente sensíveis ao contato pessoal. A carta, com seu registro ambíguo em que se misturam informações técnicas, julgamentos críticos e vida pessoal, eram especialmente talhadas para essa

⁸ Em carta de trinta de dezembro de 1925, Cascudo voltou a insistir no projeto: (...) “Vamos ao nosso plano. O Inojosa quer convidá-lo pra *Recifar* (de Recife). Eu em abril volto pra lá. Já devo ter *conversado* com V. por cartas. Ajustamos tudo e V. aproveita as férias (que são minhas também) e vem descansar aqui. Pense nisto. Uma hora de prosa no Recife. Três ou quatro dias lá. Algum dinheiro para nivelar a despesa de hotel e voa comigo para aqui. (...) Perdoe, meu amigo, esta ideia de dinheiro e passagem. Significa somente o grande desejo que eu tenho de vê-lo perto de mim e à distância de um abraço”. (CC, 30-XII-1925, apud, Cascudo, 2010: 83).

tarefa. A todo o momento, era preciso ter e dar provas de amizade e consideração. Isso fica mais evidente no caso dos jovens intelectuais Cascudo e Inojosa, que estavam em busca de inserção nas redes de sociabilidade modernistas por intermédio de Mário de Andrade. Como no modo contrário, quando Mário procura conhecer as particularidades culturais do Nordeste por intermédio deles (Guimarães & Araújo, 2004, p. 104-105). A correspondência de amizade intelectual permitiu a Mário, Cascudo e Inojosa uma aproximação com circuitos informais de sociabilidade e que evocaria sentimentos, além de troca de favores. Em todos os casos, a amizade e o debate intelectual são, ao mesmo tempo, condição e produto do trabalho entre os correspondentes (Gomes, 2004: 54-55).

Na primeira carta que Inojosa enviou a Mário, ele agradece pela carinhosa e estimulante carta. Informa-o que a teria publicado no *Jornal do Commercio* com o título em duas colunas "Arte brasileira", tendo causado uma boa impressão na cena recifense. Comenta sobre o convite para trabalhar com os modernistas paulistas, e diz que não tinha feito outra coisa, senão divulgar os nomes de Mário, Oswald, Tarsila, Serge Milliet, Rubens de Moraes, Menotti e outros. Dizia ainda que seu opúsculo teria causado muitas polêmicas literárias e que o nome Mário de Andrade, como o dos outros amigos modernistas, "eram jogados como explosivos em campos inimigos":

Recebi, faz algumas semanas, a carinhosa carta que v. me escreveu agradecendo 'A Arte Moderna'. Fiz-la publicar no 'Jornal do Commercio', com o título em duas colunas - 'Arte brasileira'. No meio intelectual daqui causou a melhor impressão; e muita gente que, sistematicamente o combate, o aplaudiu.

Convidou-me v. para trabalhar com os de São Paulo. E o que venho fazendo, meu caro, senão isso? Devido ao meu esforço, a minha atividade, todos os novos de São Paulo são conhecido em Pernambuco: e a minha ação se distende pela Parahiba e Pará - que no Rio Grande do Norte existe o espírito 'rapidíssimo' do nosso Cascudo. Certo que, nesta campanha muitas pedradas ei recebido, causando-me o continuar com a amizade e a lembrança de vocês. Mário de Andrade, Rubens de Moraes, Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Serge Milliet, etc., o Recife os não conhecia em 1923 quando voltei do Rio. Proclamei a excelência do que produziram; e, para despertar a curiosidade do meio, chamei-os de futuristas, originaes, inovadores, únicos no gênero...

(...)

A '*Arte Moderna*' motivou polêmicas literárias de (sic.): o seu nome, como os dos outros, eram jogados como explosivos em campos inimigos (JI, II-1925).

Nesta carta de Inojosa escrita em fevereiro de 1925, e em mais duas outras que ele enviou para Mário - uma em trinta de março de 1925 e outra de dois de outubro de 1926 -, não existe réplica quanto ao assunto "abrasileiramento do brasileiro" esboçado por Mário na missiva de vinte e oito de novembro de 1924, e sim informes sobre a divulgação do Modernismo e da *Arte Moderna*. Lendo essas cartas de Inojosa, percebemos que sua ação no movimento tinha um caráter de divulgação, com forte conotação militante, aspecto que se sobrepunha, portanto, a uma discussão a fundo sobre as grandes questões do momento (Araújo, 2012: 66)⁹:

Pois então pensa que sou capaz de esquecer-me a qualquer um de vocês, meus dedicados amigos, admiráveis corneteiros do espírito moderno no Brasil inteiro? Perdoo-lhe muitas cousas como o escrever-me raramente mas não lhe perdoou tal pensamento, porque as figuras do grupo paulistano eu as evoco dia a dia, espalhando o quanto posso as notícias dos seus triunfos por estas plagas nortistas (JI, 2-X-1926).

Segundo Moraes (2007), aquela ideia tão divulgada por Mário de Andrade entre seus colegas de geração permaneceu no ar e, ao ser acolhida, chegou até o esfumaçamento da autoria. Em de junho de 1925, um grupo de escritores - passadistas e modernistas - oferecia um "banquete" a Graça Aranha que, em 1924, havia se desligado rumorosamente da Academia Brasileira de Letras. O discurso do homenageado aparece posteriormente no *Correio da Manhã* carioca, texto de que Mário de Andrade toma conhecimento

⁹ Ao comentar com Cascudo em carta de primeiro de janeiro de 1926 sobre a cena intelectual de Recife, Mário tece os seguintes comentários sobre suas impressões a respeito de Joaquim Inojosa: (...) "E sobretudo me parece gente sem sensibilidade nova, sem essa agilidade intelectual desabusada que é tão característica do nosso tempo e que você [Cascudo] tem. O próprio Inojosa que conheço um pouco mais me parece inteligente, é incontestável, aproveitável, muito trabalhador mas... mas falta a tal coisa de não só saber porém sentir sem querer, inconsistentemente: sentir. E, é lógico, agir por essa sensibilidade. Me reserve esta opinião dentro de você. Pode ser falsa, devido ao conhecimento falho ou mesmo sendo verdadeira, não adianta nada. (...) Acho mesmo que a sensibilidade independe da gente. É verdade que uma boa vontade, aspiração grande de compreender faz muita coisa até na sensibilidade da gente porém sobretudo sobre o ponto de vista da compreensão. Sobre o ponto de vista da criação não. (...) Eu tenho por isso, muita esperança nessa gente do Norte; mais dia menos dia de tanto ouvir e de tanto matutar hão de ficar em dia com o tempo, você vai ver. O diabo é que também talvez então o tempo já esteja se modificando!... Diabo de pressa!" (MA, 1-I-1926, apud, Cascudo, 2010:85).

no recorte “Uma Festa das Letras”, recebido de Manuel Bandeira. Na fala do autor de *Espírito Moderno*, alguma identidade de pensamento. Graça Aranha, batendo sempre na tecla do “objetivismo dinâmico” e da “perpétua alegria”, invoca a contribuição do Modernismo na atualização mental do Brasil e conclama uma conjunção de forças construtivas aparelhadas pelo “senso real” para realizar a ascensão do nacional ao universal, que “nos transformará de imitadores a criadores universais”. Nesta carta que Mário escreve a Bandeira, considerando a coincidência de visão programática que encontrava no artigo, defende a primazia da descoberta, afirmando ao amigo que Graça Aranha “descobriu a mesma coisa que eu porque não lembro de ter falado pra ele ou pra mesa sobre essa de que só sendo brasileiro que nos universalizaremos. Essa idéia é minha já faz tempo”. Cabia-lhe, então, apresentar provas e, para tanto, chamou a próprio testemunho a carta que enviara, em 1924, a Inojosa (Moraes, 2007: 138):

Quanto ao do Graça [discurso], creio que ele descobriu a mesma coisa que eu porque não me lembro de ter falado pra ele ou pra mesa sobre essa de que só sendo brasileiro que nos universalizaremos. Essa idéia é minha já faz tempo. Mais explicitamente já tenho dito isso em discussão epistolar com os mineiros e os nortistas. Não sei se já disse pra você. Sei que o Inojosa de Pernambuco publicou no Jornal do Commercio de lá uma carta minha em que eu falava sobre isso. Minha idéia exata é que só sendo brasileiros isto é adquirindo uma personalidade racial e patriótica (sentido físico) brasileira que nos universalizaremos, pois que então concorreremos com um contingente novo, novo *assemblage* de caracteres psíquicos pro enriquecimento do universal humano. Isto aqui está dito meio complicadamente. Na tal carta está melhor. Vou mandar buscá-la (MA, 24-VI-1925, apud, Andrade, 2001:218).

Escrevendo mais uma vez a Inojosa, Mário diria em carta não datada, mas possivelmente escrita entre meados de final de junho e início de julho de 1925, que esperava que o amigo, fosse capaz de lhe fazer um favor, coisa simples: lembra que o crítico pernambucano teria publicado a carta onde falava sobre suas ideias nacionalistas, tinha grande necessidade do envio do jornal com a publicação, pois teria necessidade de provar que não necessitava plagiar ninguém, as ideias eram suas:

Você era capaz de me fazer um grande favor de amigo? Sei que é e não tem nada de difícil o favor. Isto: você publicou aí

uma carta que eu mandei pra você sôbre o seu livro e minhas idéias nacionalistas. Tôda ou pedaço não sei porém de qualquer forma serve. Você podia me mandar o jornal onde foi isso publicado? Tenho grande necessidade disso por causa diuma coincidência de idéias por aqui e pra provar que não plagiei ninguém. Será pois um favor que agradeço com a mão na sua. Como vai e como vão os companheiros d'aí? É possível que você tenha lido umas bisbilhotices de jornais cariocas sôbre uma separação do movimento paulista moderno do do Rio. É mentira. Estão se aproveitando duma briga que houve entre o Osvaldo e o Graça pra fazer escândalo. Não houve separação. Houve uma gatinha susceptível que andou se irritando e dizendo coisas. Já reina paz em Varsóvia outra vez. Briguinhas-de-comadres dum ridículo de chorar de rir. Mais nada (MA, s./d., apud, Inojosa, 1968a, v. 2:341-342)¹⁰.

Ao que parece, esta situação não terminou em "brigas de comadre", o próprio Mário irá se queixar a Cascudo em carta de três de fevereiro de 1926, ao comentar que Graça Aranha andava fazendo umas coisas "inconfessáveis, de politiquices literárias, atacando os que não se sujeitavam a canga dele, e o que é pior, atacando só por indiretas"; tinha chegado inclusive a usar o nome de Mário de Andrade para afastar Oswald da revista *Estética*:

Menos susto deve causar em você a minha 'Carta aberta a Graça Aranha'. Também trabalho de higiene. Não nego o valor de Graça nem o papel de protetor nosso e os benefícios pra nós que disso derivam, porém o Graça anda fazendo um poder de coisas inconfessáveis, de politiquices literárias, atacando os que não se sujeitavam à canga dele e o que é pior, atacando só por indiretas. Chegou a ponto de se servir do meu nome sem a autorização pra afastar o Osvaldo que ele sabe que é meu amigo pessoal da revista *Estética*. Fiquei indignado como você bem há de imaginar e mandei aviso pra ele que não era solidário com ele porém com o movimento que ele não podia representar sozinho. Vai ele deu pra jeremias e andou se queixando pra quem queria escutar que os modernistas ingratos de S. Paulo tinham se afastado dele apesar do que ele tinha feito por nós (...) (MA, 3-II-1926, apud, Cascudo, 2010: 88).

¹⁰ Na nota que Inojosa interpõe a respectiva transcrição (ver nota 76, Cf. INOJOSA, 1968a, v. 2:342), comentando sobre os eventos que contextualizam a compreensão da carta, não faz alusão ao envio. Entretanto, o crítico pernambucano, em carta enviada a Mário, no dia trinta de março de 1925, comentava que remeteria ao amigo paulista alguns exemplares do *Jornal do Comercio*, na esperança de animá-lo para possível colaboração: "Vou enviar-lhe alguns exemplares do 'Jornal do Comercio', do qual sou um dos redatores, porque talvez você se anime a escrever alguma colaboração para eles" (JI, 30-III-1925). O convite parece ter surtido efeito, pois, Mário de Andrade publicou no respectivo jornal em vinte e quatro de maio de 1925, um artigo com o título, *Modernismo e Ação* (Cf. Azevedo, 1996: 225-227).

Sobre a “Carta aberta ao Graça Aranha”, Cascudo comentará que Mário não viesse a pensar que venceria o sr. Aranha, ele era invencível, pois ele “é invencível – não tem ideias próprias. Toda gente encontra no sr. Graça um traço seu. Espelho retrato do último que o olhou” (CC, 9-III-1926, apud, Cascudo, 2010: 94). Em carta enviada a Joaquim Inojosa, vemos Cascudo questionar a prioridade do Graça Aranha no movimento modernista e reiterar a supremacia de Mário frente a Semana de Arte Moderna: (...) “Eu de mim, discordo com a prioridade do Graça no *movimento*. Já V. estava fazendo reacção. Os paulistas tinha feito a *Semana de Arte Moderna*. Havia a *Paulicéa* do Mário...O Graça tornou o movimento coletivo. Não acha V.?” (CC, 8-III-1925, apud, Araújo, 2012, p. 98). Se olharmos os artigos publicados em jornais por Cascudo (24-VIII-1924) e Inojosa (20-VIII-1924) na época, veremos que os dois escreveram artigos sobre Graça Aranha, e parece que tinham opiniões antagônicas sobre o assunto. Cascudo, discordando, chegou a afirmar que:

Suponha que o sr. Graça Aranha perguntasse a minha opinião. Não perguntaria. Mas, enfim, suponhamos que o fizesse. Eu, fingindo não ver, ia dizendo por aqui:

Este movimento de arte moderna no Brasil é simplesmente admirável. Pregam tudo e nada explicam. Não há um só trabalho demonstrando a viabilidade artística desse credo. Se alguém, como eu pretende conhece-lo, foi a custa de muito livro francês e muita tolice italiana.

(...)

(...) O primeiro dever de uma literatura tal qual deseja o sr. Graça Aranha é um país incolor. Um país-maria-vai-te-com-as-outras.

(...)

O Modernismo, o verdadeiro como eu tenho feito, é ser independente; nunca achei livro bem escrito por que Ruy Barbosa achava. Nunca encontrei graça nos lábios convencionalmente alegres (Cascudo, 1924, apud, Araújo, 1995:109-110).

Já Joaquim Inojosa se colocava como favorável aos posicionamentos de Graça Aranha:

Êsse caso da conferência de Graça Aranha na Academia Brasileira de Letras, que tantas discussões tem suscitado no Brasil inteiro, e que pôs em polvorosa o formigueiro da nossa intelectualidade, sugere-nos algumas palavras sôbre o autor revolucionário da ‘Estética da Vida’.

Graça Aranha representa, para nós, o exemplo excepcional, bem raro, do escritor que, ausentando-se de sua pátria por longos anos, não deixa de exercer influência sôbre sua mentalidade.

(...)

A conferência que, numa vibração de audácia necessária, realizou na Academia Brasileira de Letras sôbre o 'Espírito Moderno', resume os arroubos espirituais da mocidade brasileira, que deseja uma inteligência criadora, inimiga da triste imitação das coisas estrangeiras.

Que fizeram, até hoje, os homens de letras do Brasil? (Inojosa, 1968, v. 2: 53; 55).

Em carta de vinte e um de abril de 1926, Mário encerraria o debate em torno de Graça Aranha, informando a Cascudo que:

Quanto ao Graça aranha continuo aliás a admirar o graça como admirava dantes. O que fiz foi acabar com as intrigas que ele estava fazendo. Parece que parou e está convencido que não pode representar o papel de pai-de-todos no nosso movimento coletivo mas sem chefe (MA, 21-IV-1926, apud, Cascudo, 2010: 100).

Considerações Finais

Concluindo este artigo, tomamos como fechamento uma das proposições de Angela de Castro Gomes (2004) que demonstrou que o convívio entre intelectuais, como a leitura, é fundamental para o desenvolvimento de ideias e sensibilidades. Para escrever, pintar, compor, etc., o intelectual precisa estar envolvido em um circuito de sociabilidade que, ao mesmo tempo, o situe no mundo cultural e lhe permita interpretar o mundo político e social de seu tempo. Nesse sentido, vemos que a correspondência de Cascudo, Mário e Inojosa, analisada de forma serial e intercalada, nos deu a possibilidade de comprovar essa rede de auxílio mútuo entre os missivistas. Por isso, afirma-se que não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural.

Desse modo, avulta em importância a troca de correspondência, pois ela pode abarcar tanto os intelectuais reconhecidos como sociáveis quanto aqueles cuja preferência é a vida mais reclusa dos gabinetes de estudo e

pesquisa. As cartas são, pois, uma prática de escrita que integra a produção de textos de muitos intelectuais, especialmente aqueles que viveram até meados do século XX, como é o caso dos aqui selecionados em nossa análise. A correspondência pessoal entre intelectuais é, sobretudo nesses casos, um espaço revelador de suas ideias, projetos, opiniões, interesses e sentimentos. Uma escrita de si que constitui e reconstitui suas identidades pessoais e profissionais no decurso da troca de cartas (Gomes, 2004: 51-52).

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. Organização, introdução e notas Marcos Antonio de Moraes. 2ª ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

_____. *A lição do guru – cartas a Guilherme de Figueiredo (1937-1945)*. Marta Rossetti Batista (org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

_____. *Vida Literária*. São Paulo: Hucitec; EDUSP, 1993.

_____. *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. São Paulo: Duas Cidades; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de SP, 1976.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Consciência Moderna e Movimentos: o modernismo nas cartas trocadas entre Câmara Cascudo e Joaquim Inojosa*. Relatório Final de Estágio de Pós-Doutorado. PPGTLLC/ FFLCH – USP. São Paulo, 2012, 162p.

_____. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Ed. da UFRN, 1995.

AZEVEDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. 2. ed. João Pessoa: Ed. da UFPB; Recife: Ed. da UFPE, 1996.

CARDOSO, Marília Rothier. Jogo de cartas, uma leitura da correspondência de Machado de Assis. In: *O Eixo e a roda*, Belo Horizonte, MG: n. 4, p. 59-70, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Marcos Antonio de Moraes (org.). São Paulo: Global, 2010.

CORREIA, Francisco José Gomes. O sacrifício e as cartas em Mário de Andrade. In: *Múltiplo Mário: Ensaio*. Maria de Ignez Novais Ayala e Eduardo de Assis Duarte (org.). João Pessoa/ Natal: EDUFPB/EDUFRN, 1997, p. 191-198.

GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: _____. (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 51-76.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal; ARAÚJO, Valdei Lopes de. O sistema intelectual brasileiro na correspondência passiva de John Casper Branner. In: GOMES, Angela de Castro. (Org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004, p. 93-110.

INOJOSA, Joaquim. *A arte moderna: 60 anos de um manifesto modernista*. Rio de Janeiro: Editora Cátedra, 1984.

_____. *O Movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Tupy, 1968a. v. 1.

_____. *O Movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Editora Tupy, 1968b. v. 2.

IONTA, Marilda. *As cores da Amizade: cartas de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de Andrade*. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2007.

MACHADO, Marcia Regina Jaschke. *O Modernismo dá as cartas: circulação de manuscritos e produção de consensos na correspondência de intelectuais nos anos de 1920*. Tese de Doutorado. São Paulo: PPGLB/USP, 2012, mimeo.

MORAES, Marcos Antônio de. *Orgulho de Jamais Aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 2007.

_____. Carta, testemunho e biografia. In: *Múltiplo Mário: Ensaios*. Maria de Ignez Novais Ayala e Eduardo de Assis Duarte (org.). João Pessoa/ Natal: EDUFPB/EDUFRN, 1997, p. 185-190.

SIRINELLI, Jean-François. "Os Intelectuais". In. *Por uma História Política*. René Remond (org.), trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, p. 231-269.